

## IVY MARÃ EY, UMA METAFÍSICA DO MUNDO

Claudinécia do Prado Souza

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: claudinecia.ps@gmail.com

Ricardo Martins Valle

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

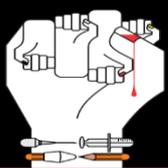
Endereço eletrônico: ricardomartins.valle@uesb.edu.br

1626

### NOTA INTRODUTÓRIA: LETRAS INDÍGENAS NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

As letras indígenas constituem no Brasil, hoje, um movimento eminentemente político, um ato coletivo performativo da própria realidade<sup>1</sup>, um conjunto de intervenções não centralizadas que, desde o final dos anos 1980, tensionam as teorias de formação da literatura brasileira. Toda representação literária é parte da situação histórica que a envolve, neste sentido é “contexto” de tudo aquilo que não é ela mesma num dado tempo, ou numa dada formação discursiva (Foucault, 2017). Na decorrência do conjunto de movimentos indígenas e pró-indígenas que culminariam com a promulgação dos artigos 231 e 232 da Constituição Federal, a literatura indígena brasileira eclodiria já em 1989 com a força de autores como Eliane Potiguara e Werá Jecupé, e faria as letras indígenas em geral se multiplicarem em volume e qualidade de obras, imediatamente após se derrubarem as barreiras institucionais que limitavam a cidadania indígena (CUNHA, 2012). Desde então, as letras indígenas no Brasil nos têm permitido entender que a palavra pode ser um tipo especial de “revide”, não bem uma “vingança”, mas uma palavra-medicina que se devolve ao mundo. A literatura indígena vinga o mundo e se vinga dele, ela o rerepresenta na forma de uma acusação para reequilibrá-lo. Como palavra literária, ela duplica o mito, imita o drama da vida, para purificá-lo; e como ato performativo, como ação política de orientação xamânica, a literatura indígena é uma intervenção individual que encerra o lastro coletivo da ancestralidade. Com efeito, as letras indígenas partem estrategicamente de um engajamento em uma coletividade no interior de uma cultura hegemônica. Assim, considerar o movimento

<sup>1</sup> A noção de performatividade neste trabalho parte dos postulados de Searle (1981) e Austin (1990), cuja sentença performativa consiste na realização de uma ação, isto é, a linguagem realiza um ato.

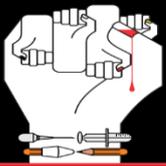


das letras indígenas brasileiras posteriores à Constituição de 1988 nos permite flagrar o fenômeno extraordinário e transformador que é a emersão de “uma literatura menor” (Deleuze e Guattari, 2017). Assim, compreendemos a atualização do mito guarani tal como narrado no livro *A terra sem males* (2009), como um gesto de resistência, como um ato individual de uma força coletiva e como uma construção discursiva constituída a partir de um feixe complexo de relações enunciativas a operar e tensionar uma formação discursiva monopolizada até então pela cultura hegemônica ocidental.

## PERSPECTIVA METODOLÓGICA DA LEITURA

Propomos refletir sobre algumas dimensões do mito *Ivy marã ey* (*A terra sem males*), do povo Tupi-guarani, tal como representado na obra *A terra sem males*, de Jakson de Alencar (2009). A literatura indígena exige a problematização do campo literário e das relações de força estabelecidas pelo cânone, justamente pela reclassificação de categorias como a figura do indígena na literatura brasileira e a ressignificação da “questão indígena”. A literatura indígena brasileira hoje age sobre o cânone como “literatura menor”, no sentido com que Deleuze e Guattari (2017). Embora saibamos que a absorção da matriz europeia como modelo de escrita literária ainda ancore o pensamento hegemônico e que tal modelo se encontre profundamente preso aos textos fundadores das “literaturas nacionais” do ocidente europeu, as “literaturas menores”<sup>2</sup> agem de maneira política sobre essas composições de poder, por meio sobretudo de procedimentos de desterritorialização linguística e do agenciamento coletivo de enunciação. A “literatura menor” corrói os padrões sedimentados pelo cânone, operando uma subversão das próprias perspectivas majoritárias da literatura. Infiltra-se nesses lugares, reformulando procedimentos consagrados e subvertendo protocolos convencionais mesmo de autoria e edição: ocupam um território linguístico esquivando-se de reconhecer as séries e hierarquias de modelos que lastreiam a tradição hegemônica.

<sup>2</sup> O conceito de literatura menor, apresentado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, não deve ser confundido com a acepção corrente de baixa “qualidade literária” que justifica a marginalização que todo cânone pressupõe. Ao contrário, o conceito diz respeito à capacidade de as representações minoritárias infiltrarem-se no campo predominante das representações majoritárias como é o espaço literário numa tradição literária nacional consolidada, e neste campo estabelecido operar modificações. Assim, as literaturas menores são caracterizadas por três fatores: por serem uma atividade eminentemente política; pelo agenciamento coletivo de enunciação e pelo coeficiente de desterritorialização linguística. (DELEUZE; GUATTARI, 2017).



Em relação ao aspecto coletivo da enunciação, a temática do *Ivy marã ey* insere na composição literária indígena um modo de inversão da classificação indianista da literatura brasileira. A narrativa apresenta modos de ser, pensar e agir das nações indígenas em sua relação com a terra. Pois o conceito de terra, como afirma Jakson de Alencar (2009), atravessa, essencialmente, a ideia de “terra sem males”, e é justamente esse o conceito que define a compreensão de “bem viver”<sup>3</sup> para os povos indígenas. A narrativa da terra sem males não é uma invenção utópica Guarani condicionada a um passado perdido (Alencar, 2009, p. 23). A evocação de um mundo melhor faz parte da cotidianidade indígena Guarani, e está presente nas mais diferentes culturas. Assim, o *Ivy marã ey* pode ser compreendido como uma narrativa atravessada pelos anseios humanos de um mundo sem dor ou sofrimento.

1628

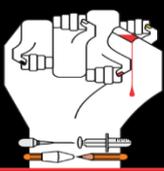
### IVY MARÃ EY: UMA METAFÍSICA DO MUNDO

A narrativa da terra sem males faz parte da tradição oral dos povos Tupi-guarani. A obra *A terra sem males* transforma, pois, um mito utópico tradicional em literatura indígena, e como tal pode ser considerada num duplo efeito: por um lado, representa a resistência indígena, a luta pela preservação da memória, da identidade e do território, ao perpetuar na escrita uma tradição oral ameaçada; por outro, ocupa o suporte material da cultura hegemônica, o livro, para oferecer uma outra mitologia e uma outra utopia, a par das mitologias que sustentam as literaturas ocidentais.

O conto narra a trajetória do deslocamento destes povos do interior do continente para o litoral, após uma visão do pajé. Nela, Nhanderu<sup>4</sup>, a potência natural

<sup>3</sup> Termo utilizado por Jakson de Alencar (2009) para referir à forma de se viver na “terra sem males”, que é o lugar adequado para viver o “ñandereko”, o seu jeito de ser. “Bem viver” não equivale à ideia ocidental, civilizada, de “qualidade de vida”, que opera nas sociedades contemporâneas não numa perspectiva utópica mas civilizatória e adereçada pelos confortos da mercadoria que ostensivamente separam cultura e natureza, reproduzindo uma lógica capitalista, a forma atual dos modos de vida que invadiram todos os Continentes a partir da grande península ocidental da Ásia a que chamamos continente Europa. O termo “viver bem” também não supõem a concepção de posse, que delimita um determinado modo de ser da relação com a própria terra característico dos desdobramentos culturais das sociedades europeias nos últimos três séculos. Ao contrário, a expressão “bem viver” foge radicalmente desses domínios discursivos, referindo-se a um outro modo de ser do humano no mundo e com o mundo, em que a multiplicidade e variedade dos corpos viventes partilham a mesma alma do mundo, não sendo exclusiva do humano a natureza espiritual, pensante e eterna (Viveiros de Castro, 2018).

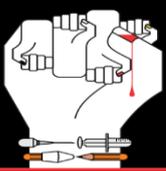
<sup>4</sup> “De acordo com a ciência sagrada guarani, o ciclo de Tupã faz parte de uma das quatro estações da natureza cósmica. Em cada estação reina um dos quatro **Nande Ru** (pronuncia-se “nhanderu”), divindades que comandam os quatro cantos do espaço, que, por sua vez, comandam os quatro elementos sagrados: terra, água, fogo e ar, que interagem com o crescimento e o desenvolvimento do ser humano, bem como de todo o conjunto de vidas.” (JECUPÉ, 2020, p. 26).



que trouxe o homem à Terra, decide acabar com a própria Terra, por desgosto, diante da maldade humana. Então, Tupã, um dos quatro Nhanderu, retira um dos esteios que sustentavam a Terra e provoca um grande incêndio que correria do interior para o litoral, levando todo o povo a se deslocar apressadamente em direção ao mar. Porém, quando já estavam próximos a seu destino – e o fogo avançava na mesma direção, apesar de todos os ritos performados para aplacar a ira de Nhanderu –, o Mar, como uma potência viva, avança sobre a Terra na direção contrária para apagar as chamas do grande incêndio. Entre as duas grandes forças devastadoras, o povo entoa em sua casa o Nheengarái<sup>5</sup>, pedindo para que todos sejam conduzidos a uma terra sem males. Para a surpresa da tribo, as ondas não tragaram a casa, mas a deslocaram para cima das ondas até chegar à porta do céu, onde todos passaram a morar. Esse lugar é conhecido como *Ivy marã ey*, um lugar onde não há morte, nem sofrimento, nem envelhecimento, nem doença ou maldade. A narrativa, enquanto mito, projetava no passado e no futuro, a supressão do sofrimento, como os mitos da Idade do Ouro ou do Paraíso Terreal; como escrita literária brasileira, é uma afirmação política pela emergência utópica de um mundo melhor, instaurado pela linguagem em face da realidade de devastação. Neste sentido, o mito tornado livro adverte a maldade humana sobre as escolhas que podem levar à destruição da própria humanidade, seus mitos e seus cânones, afirmando-se cada vez mais como um alerta em face do caos que tem sido criado no mundo pela assim chamada civilização ocidental globalizada

Quando a família do pajé se vê cercada pelo fogo e pela água, assim que as potências de destruição e de mitigação se levantaram, é um ponto central na narrativa. Como ação da ancestralidade, os poderes do fogo e do mar reconhecem a força do rito que liga aquela comunidade a esta terra e, por isso, a livram da catástrofe. Como ação do campo da memória, essa força ritual é remédio e revide xamânicos contra o genocídio e o etnocídio indígenas, resultantes tanto da invasão ilegal quanto da política indigenista do Estado brasileiro. A fuga da tribo do pajé Guirapoty antecipa e prepara a fuga dos Tupi, em sentido contrário, em face da invasão europeia. Assim, ela não deixa de representar também o êxodo dos Krenak, do Espírito Santo para Minas Gerais, ou da família Potiguara – do Nordeste para o Rio de Janeiro. E o mito, ao narrar o conflito entre o fogo e a água, como forças naturais que insurgem na busca pelo equilíbrio, ancora a resistência na potência da ancestralidade dando fundamento à confiança

<sup>5</sup> Canto solene Guarani que reverencia Nhanderu.



utópica no encontro com a terra sem males e a vitória da compreensão indígena do bem viver. Esse momento central dissolve a compreensão de terra e de humanidade que o pensamento ocidental supõe, pela oposição entre cultura e natureza, enquanto sujeito e objeto. O mito fundamenta uma espécie de outra metafísica do mundo, a indicar as razões que desencadeiam a destruição distópica do planeta e a emergência de uma realidade utópica que deverá superar o atual estado de mundo em que vivemos. Interrompida o empreendimento humano de destruição da vida e gestação de morte, doença e miséria haverá de sobrevir o *Ivy marã ey*, diferente do mundo desanimizado que a civilização ocidental projeta para poder submetê-lo à forma de mercadoria. Em diversas dimensões, o *Ivy marã ey* é um lugar que está além do mundo que conhecemos.

1630

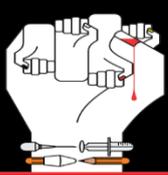
### APONTAMENTO FINAL

Precisamos nos esforçar por compreender a tradição mítica da escrita indígena com base numa epistemologia indígena, cujos sentidos são parte de tradições ancestrais que se descortinam das cosmovisões sobre as origens dos seres, ao mesmo tempo em que enuncia a eminência de um futuro que urge transpor as sequelas do colonialismo. A interpretação indígena dos fenômenos da natureza que permeiam as narrativas indígenas nos fornece possibilidades para refletir sobre o mundo e o próprio conceito de civilidade moderna. A crítica de Ailton Krenak (2020) ao modelo civilizatório vigente se faz cada vez mais necessária, pois representa uma resposta política à eminência de uma catástrofe ambiental global. Contudo, temos avistado a ampliação das fronteiras bélicas, agrícolas e mineradoras, em todas as frentes coloniais ativas atualmente, e a produção deliberada da dependência, da marginalização e da fome. Segundo Krenak, porém, uma infantilidade espiritual ocupa o pensamento civilizado contemporâneo, tornando o homem moderno incapaz de implementar no mundo a autocrítica que até é capaz de esboçar em palavras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura indígena. A terra sem males - *Ivy marã ey*. Letras indígenas.

### REFERÊNCIAS

ALENCAR, Jakson de. *A terra sem males*. São Paulo: paulus, 2019.



AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer, palavras e ação*. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8ªEd. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

JECUPÉ, Kaká Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. 2ªEd. São Paulo: Peirópolis, 2020.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das letras, 2020.  
\_\_\_\_\_. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2ªEd. São Paulo: Companhia das letras, 2020.

SEARLE, John R. *Os atos de fala, um ensaio da filosofia da linguagem*. Coimbra: Livraria Almedina, 1981.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais. Elementos para uma antropologia pós-estruturalista*. São Paulo: Ubu Editora, n-I edições, 2018.

